



# BOLETIM OPLANO

**Quando a pobreza encontra a comunhão:  
primeiras páginas de uma história de 31 anos**

# **1. INTRODUÇÃO**

**1.1** Apresentação

**1.2** Contexto

## **2. PROPOSTA DE VALOR EDC:**

### **QUANDO A POBREZA**

### **ENCONTRA A COMUNHÃO**

**2.1** Valor do trabalho

**2.2** Cultura do encontro

**2.3** Sentido de comunidade global

**2.4** Conexão entre vulnerabilidades

e oportunidades

## 3. EXPERIÊNCIAS

### 3.1 AFRICA

**3.1.1** Comunhão que permite e reforça a valorização e o crescimento da cultura e da economia local: uma experiência de encontro entre Irlanda e Burkina Faso

**3.1.2** Todas as pessoas têm algo a compartilhar. Essa é a Economia de Comunhão!

### 3.2 AMERICA DO NORTE

**3.2.1** Empresas que geram inovação econômica e social, a serviço do bem comum

### 3.3 AMERICA DO SUL

**3.3.1** A comunhão que gera protagonismo e cria agentes de transformação social

**3.3.2** Colocando à prova os paradigmas econômicos: empresas que trabalham à serviço das pessoas

### **3.4 ASIA**

**3.4.1** A empresa gerando prosperidade humana

**3.4.2** Gerando uma visão sistêmica sobre a importância da erradicação da pobreza

**3.4.3** Superando vulnerabilidades no interior da empresa

### **3.5 EUROPA**

**3.5.1** A empresa trabalhando por uma comunidade global

**3.5.2** Comunhão de bens, talentos e dons: uma economia colaborativa e de comunhão

## **4. PERSPECTIVAS FUTURAS E CONCLUSÕES**

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação

O Observatório da Pobreza Leo Andringa é um centro internacional de pesquisa que analisa o desenvolvimento, a pobreza e a vulnerabilidade a partir de uma perspectiva multidimensional e pelas "lentes" da Economia de Comunhão, buscando identificar e medir nossa contribuição para a agenda global da erradicação da pobreza.

Com base na experiência de mais de 30 anos, este observatório estuda e evidencia o que acontece quando a pobreza encontra a comunhão, ou seja, que efeitos surgem quando ocorre a conexão entre vulnerabilidades e oportunidades a partir de cultura de encontro. O resultado é um “modus operandi” marcado pelos seguintes valores fundamentais: valor do trabalho, cultura do encontro, senso de comunidade global e conexão entre vulnerabilidades e oportunidades, nossas contribuições centrais para a construção de uma nova economia. A Economia de Comunhão, nasceu para erradicar a pobreza, segundo as palavras de sua própria fundadora, Chiara Lubich: "até que não hajam mais pobres entre nós".



*OPLA - Observatório da Pobreza Leo Andringa é nomeado em homenagem a um dos atores principais da EdC recentemente falecido, Leo Andringa, por sua percepção da delicadeza necessária no processo de distribuição de ajuda ao desenvolvimento para pessoas em situação de pobreza.*

# 1.2 CONTEXTO

Entre outubro de 2019 e abril de 2020, OPLA conduziu uma pesquisa internacional com o intuito de compreender mais objetivamente quais contribuições a EdC traz para a causa da erradicação da pobreza, o que motivou seu nascimento em 1991 ("...não descansaremos enquanto houverem pobres entre nós". Chiara Lubich, 30 de maio de 1991).

Nesse sentido, foram realizadas quarenta entrevistas (entre outubro de 2019 e abril de 2020) com pessoas de várias partes do mundo,

que compartilharam como buscam

implementar os princípios da Economia de

Comunhão em suas vidas e escolhas

cotidianas. Este boletim visa comunicar os principais resultados destas entrevistas.

# 2. PROPOSTA DE VALOR

A partir da análise das entrevistas e dos textos produzidos ao longo destes anos, foi possível identificar o fenômeno que ocorre quando a pobreza encontra pessoas e organizações que fazem parte da Economia de Comunhão: a comunhão se realiza. *Todos nós vivemos a experiência da comunhão e cada um de nós pode defini-la de uma forma única e particular.*

Com base na análise das narrativas das pessoas que vivem a Economia de Comunhão, OPLA busca identificar os elementos recorrentes, que caracterizariam o modo de refletir e agir do nosso movimento, para que possamos avaliar e medir melhor os impactos de nossas ações e o uso de nossos recursos.

Identificamos que a comunhão poderia ser definida como uma *cultura de encontro que faz emergir a potência do ser humano, capaz de gerar a conexão entre vulnerabilidades e oportunidades, a comunhão de propósitos, talentos, dons e recursos com o objetivo de constituir uma comunidade global mais fraterna, justa e regenerativa.*

Ainda, foi possível perceber quatro elementos que constituem a vida da EdC no mundo, mesmo com a grande diversidade cultural que nos caracteriza: *o valor do trabalho, a cultura do encontro, o senso de comunidade global e a conexão entre vulnerabilidades e oportunidades*, ou seja: a comunhão na vida e na economia, de propósitos, dons, talentos e recursos.



## **VALOR DO TRABALHO**

A EdC enxerga o trabalho como a contribuição essencial das pessoas para construir e melhorar o mundo. Através do trabalho, as pessoas podem sentir-se dignas e valiosas, oferecendo sua contribuição para a sociedade, vivendo por um projeto comum que ultrapassa sua dimensão individual. O trabalho, portanto, tem uma dinâmica de duas dimensões: pessoal e comunitária. Faz-se algo pela comunidade e, ao fazê-lo, encontra-se a realização como pessoa.

## **CULTURA DO ENCONTRO**

O encontro. O potencial do ser humano nasce da cultura do encontro. Esse é um dos pontos fundamentais da EdC. O encontro ocorre entre pessoas: é no encontro com o outro que descobrimos quem somos. Na relação, compreendemos e percebemos nossas próprias características, qualidades e fragilidades. A cultura de encontro oferece sustento para a mudança sistêmica que desejamos ver realizada.

# SENTIDO DE COMUNIDADE GLOBAL

Muitas vezes falamos de inclusão. Entretanto, dizer que se inclui alguém presume que alguém vem de fora de um determinado grupo - só se pode incluir o que está de fora. A EdC assume que fazemos parte de uma comunidade global, somos pessoas interconectadas e interdependentes. As dinâmicas que nos separam poder ser superadas com a dinâmica da cultura de encontro.

## CONEXÃO ENTRE VULNERABILIDADES E OPORTUNIDADES

Estamos falando de Economia de Comunhão. Mas o que significa comunhão? Nossa cultura nos trouxe a consciência de que devemos protagonizar o processo de restauração da equidade social que desejamos ver realizada, porque todas as pessoas merecem ter uma vida digna. Nesse sentido, a comunhão se realiza quando há um encontro entre vulnerabilidades e oportunidades nesse contexto. Nessa perspectiva, todas as pessoas cumprem um papel importante na dinâmica equitativa, diluindo categorias e práticas hierárquicas: é importante doar a própria necessidade e é importante doar recursos para resolver necessidades, assim como que doa necessidades muitas vezes compartilha riquezas de outras naturezas e resolve pobreza e vulnerabilidades de quem está doando recursos econômicos. Em uma comunidade, tudo é compartilhado de forma orgânica e tudo é riqueza: dinheiro, tempo, conhecimento, amor. Assim é na Economia de Comunhão

# 3. EXPERIÊNCIAS

A palavra experiência vem do verbo experimentar. A EdC nasceu com o desejo de *oferecer uma solução para o problema da desigualdade*: enquanto sobrevoava São Paulo, Chiara Lubich se perguntava porque os recursos gerados e concentrados nos arranha-céus não estavam circulando nas comunidades vulnerabilizadas. A solução que ela propôs foi simples: *vamos nos unir, vamos compartilhar nossas riquezas, nossos recursos, nossos dons, porque somos membros de uma comunidade global*. Suas palavras, dirigidas a um grupo de jovens no dia seguinte à fundação da EdC, dizem muito sobre nossa missão: "não se dêem paz enquanto alguém ainda estiver com fome". Hoje sabemos que a pobreza é um *fenômeno multidimensional e que a escassez econômica é expressão e resultado de várias carências e vulnerabilidades de recursos de diferentes naturezas: emocional, psicológica, relacional, cultural, política, e muitas outras*. A EdC é um movimento de pessoas que escolhem, juntas, experimentar diferentes formas e estratégias para gerar e compartilhar riquezas e dons para erradicar as várias formas de pobreza existentes no mundo de hoje. Vejamos juntos algumas dessas experiências.



# 3.1 **ÁFRICA**



# Comunhão que permite e reforça a valorização e o crescimento da cultura e da economia local: uma experiência de encontro entre Irlanda e Burkina Faso



Paul O'Connelly, um empresário da Irlanda, nos conta:

"Minha empresa contribuiu para a EdC desde o início - para o fundo geral da EdC e não para um projeto específico. Há oito anos, conheci um padre de Burkina Faso. Ele estava fazendo um mestrado em uma universidade irlandesa sobre **negócios sem fins lucrativos**. Ele sabia algo sobre a EdC, então veio à minha casa e, na conversa que tivemos, descobri que ele realmente queria montar uma escola agrícola em Burkina Faso. Então, por ele ser tão dedicado, senti que seria bom e tomei a decisão de **enviar parte de meu financiamento para sua escola agrícola** ao invés de enviar para o fundo geral da EdC.



Mantenho uma contribuição de 150 euros que faço regularmente (todos os meses) e 100 vão para ele enquanto os outros 50 ainda vão para o fundo geral. Portanto, isso é o que acontece a cada mês **como uma contribuição sustentável** para ele. Mas, se o meu negócio for bem naquele mês, eu posso dar mais (por exemplo, este ano lhe enviamos 11.000 euros). Portanto, há uma contribuição básica de cerca de 3.000 euros que vai para sua escola a cada ano, mas alguns anos é muito mais. Além disso, o valor do euro em Burkina Faso é muito mais alto, então as contribuições daqui valem muito mais lá. Portanto, como houveram grandes contribuições no início, e várias pessoas que sabiam do projeto estavam fazendo muitas doações, houve uma quantia razoável de dinheiro que saiu para a escola agrícola que foi criada há 5-6 anos e continua crescendo. Eles construíram **salas de aula, casas para o gado, para os porcos, etc.** A última contribuição foi em parte da EdC e em parte do conselho local, que deu 3.500 euros. Ao longo dos anos, digamos que ele investiu o dinheiro naquilo a que se destinava - os tijolos, as paredes, a estrutura, e assim por diante. Essa relação era muito importante porque havia muita confusão na África com o dinheiro das empresas, com os impostos. Ele podia entender isso, então sempre nos enviava fotografias de cada projeto que financiamos e era possível ver o projeto que foi construído, terminado. Chegamos a ir lá há três anos.



Construímos um painel de ordenha para que eles pudessem ordenhar o gado. Decidimos não enviar o equipamento daqui, mas comprar algo lá, porque o custo de enviá-lo daqui é muito alto. Portanto, esta era uma pergunta: devemos ter recipientes que enviem este material (equipamento de ordenha, material escolar, roupas) e investir esse dinheiro, ou devemos dar o dinheiro a ele? Durante essa viagem, conhecemos a comunidade local e a relação se estreitou porque fomos lá, entendemos melhor o que era necessário, entendemos como era a área. Foi bom aprofundar o relacionamento fazendo a viagem, conhecendo a população local, os líderes tribais locais, os jovens que estudam na escola e produzem colheitas. A escola tem 50 alunos este ano, meninos e meninas, cerca de 18 anos de idade ou menos. Em Burkina Faso há muitas pessoas que vão à universidade e se formam, mas não têm experiência técnica. Portanto, esse padre realmente quer dar aos estudantes as habilidades técnicas para cuidar do gado, cultivar os campos, cuidar das galinhas, produzir ovos".

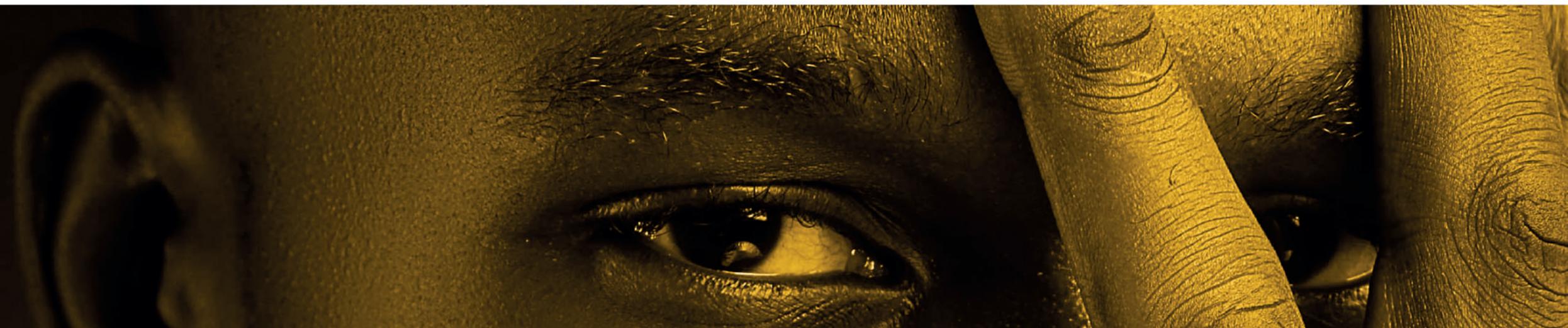


# Todas as pessoas têm algo a compartilhar. Essa é a Economia de Comunhão!



Steve Azeumo, empreendedor EdC dos Camarões nos conta:

"EoC-In Cameroon Hub é uma incubadora e um espaço de coworking. Quando vamos a universidades, escolas e outros lugares, entramos em contato com jovens e empresários. Primeiro, os jovens que entram em contato conosco podem começar o treinamento por um mínimo de 3-6 meses e um máximo de 2 anos. No início, nós os ajudamos a amadurecer sua ideia de negócio. Nós lhes dizemos uma coisa: se é uma ideia de negócio concreta, implica uma visão com a qual você está pronto para comprometer toda sua vida - sua vida é, de certa forma, baseada nessa ideia. Isso significa que você tem que **realmente se concentrar nele e tentar considerá-lo e torná-lo um verdadeiro negócio**. Depois lhes damos uma mesa em nosso espaço de coworking para que possam ter uma espécie de escritório onde possam fazer seu trabalho. Em seguida fazemos uma pesquisa com eles para avaliar quais são suas fraquezas, em que devem ser treinados, o que precisam para desenvolver ainda mais suas idéias comerciais. Durante seu tempo conosco, eles **amadurecem muito bem suas ideias e desenvolvem um plano de negócios**.



É verdade que durante essa crise há pessoas que tentam se aproveitar dos outros usando a desculpa da crise para se enriquecerem, enquanto há outras que estão realmente necessitadas. Então, para ajudá-los, dissemos: **vamos organizar treinamentos.** Nós organizamos esses treinamentos junto com os jovens que tínhamos treinado anteriormente e que agora estão doando suas habilidades e tempo, e também tentamos **construir relações com os participantes.** O treinamento visa ajudar os participantes a se manterem de pé e tentar alimentar suas famílias por meio das habilidades concretas em que decidiram aprender e se especializar - calçados, sabão (em pó, líquido, em cubos), e assim por diante. Nesse último ano (em dezembro de 2018), conseguimos treinar mais de 400 jovens homens e mulheres. Mas como tudo isso começou? No início, nos deparamos com a crise, mas não sabíamos o que fazer, e nos perguntamos o que poderia ser. Nós não queríamos simplesmente dar de comer às pessoas. Porque não se pode alimentar alguém durante o ano inteiro. Assim, refletindo sobre isso junto com os jovens empresários que estávamos incubando na época, chegamos a uma conclusão: **vamos compartilhar nossa experiência.** Não podíamos dar nosso dinheiro, nosso negócio, mas podíamos compartilhar nossas habilidades e começar a trabalhar juntos. Foi assim que tudo começou. Às vezes nem mesmo temos comida para dar aos formadores. Mas os próprios participantes trazem a comida para compartilhar com eles. E imagine que há 10 deles vivendo juntos e muitas vezes não têm comida suficiente para cozinhar nem mesmo para eles próprios. Mas você os vê chegar com uma cesta cheia de comida para os treinadores e os treinadores ficam muito felizes".



# 3.2 AMERICA DO NORTE



# Empresas que geram inovação econômica e social, a serviço do bem comum

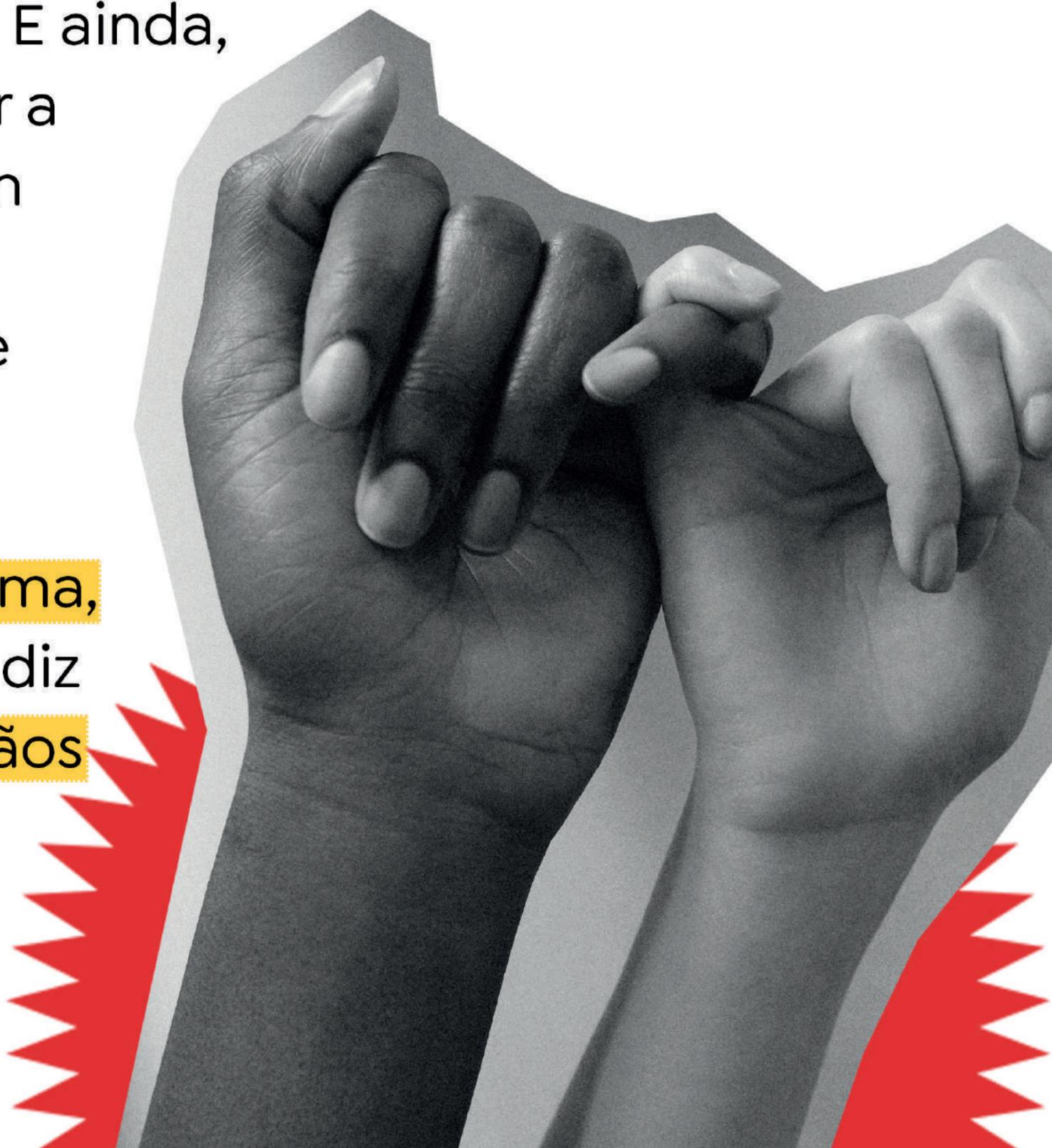


Communion Properties é uma empresa fundada por Andrew Gustafson, dos Estados Unidos, que sentiu o chamado para colaborar com sua comunidade.

Communion Properties investe dinheiro e energia em edifícios degradados e restaura o que outros rejeitam; dá confiança aos funcionários, tirando-os das margens da sociedade, sem se escandalizar com as manchas do passado deles; e dá confiança até mesmo a inquilinos em quem muito poucos proprietários confiaram. Andrew tenta basear suas decisões comerciais em razões que vão além do simples lucro. "Onde as pessoas não vêem mais esperança", diz ele, "vemos uma chance, tanto nas casas quanto nas pessoas [...] e lhes damos uma segunda chance". Muitas das casas que a empresa compra estão "condenadas" à inabitabilidade pela prefeitura (que proíbe seu uso até que sejam reformadas). Outras ninguém quer, exceto os sem-teto que se agacham nelas. Hoje a Communion Properties administra 35 edifícios, com um total de mais de 80 unidades habitacionais e mais de 120 inquilinos. Além disso, ela é responsável por 116 banheiros no centro da cidade.



"Um dos aspectos mais valiosos do meu trabalho - Andrew está convencido disso - são as relações com os meus colegas de trabalho e inquilinos". Assim, a reunião diária para designar tarefas para seus trabalhadores é feita sentado na varanda de sua casa, cada um com sua boa xícara de chá. E ainda, ele nunca quis delegar a outros as relações com os inquilinos que não pagam, pensando que esta é a beleza do seu trabalho como empresário. "Desta forma, não faltam as feridas", diz Andrew, "mas as bênçãos também chegam".



John Mundell, dos Estados Unidos, nos conta como começou

o Projeto Lia:

"Nos últimos anos, dedicamos muito esforço, inclusive através do programa de estágio, ao novo Projeto Lia com a ideia de **empregar mulheres que saem da prisão**. Essa é uma questão de pobreza para nós, porque quando elas saem, têm relações de pobreza. Por exemplo, elas saem da prisão e podem ter todas as relações anteriores que foram negativas para elas. É por isso que decidimos nos concentrar em dar-lhes **a oportunidade de iniciar novas relações de trabalho e habitacionais**. Nos últimos dois meses compramos uma casa, porque um dos problemas em encontrar moradia para as mulheres que saem da prisão é que as pessoas não gostam de ter ex-presidiários em suas casas ou apartamentos. Quando você quer alugar uma casa, você tem que preencher todas essas informações e, quando descobrem que você cumpriu pena na prisão, não querem fazer negócio com você. É por isso que agora temos **uma casa para as mulheres**."



Isso também faz parte da EdC, porque tínhamos esta empresa imobiliária, além da Mundell & Ass. que administrava a casa para estagiários e os outros prédios que temos. Portanto, esta outra empresa EdC chamada Mundell New World (Chiara lhe deu este nome há muito tempo) está **oferecendo moradias mais baratas**. Antes de tudo, oferece moradia sabendo que as mulheres estão saindo da prisão, mas também a um custo mais baixo que elas podem pagar. Além disso, a casa está localizada ao longo de uma rota de ônibus para que eles possam ir ao trabalho, etc. Outra coisa importante a ser observada é a **reciprocidade**. Agora que temos uma casa onde vivem as mulheres, nos tornamos seus locadores. Estamos tentando fazê-los viver na casa e cuidar dela. Pagar o aluguel em dia, cuidar do jardim - é mais um passo para se tornar responsável pelo que fazem, tanto onde moram quanto onde trabalham.



Isto só começou nos últimos dois meses, mas tem sido uma experiência muito boa. É uma relação que se aprofunda com o tempo com base nesta reciprocidade. Por exemplo, há três semanas atrás fomos à casa de uma de nossas mulheres porque esperávamos que ela estivesse no trabalho e ela não estava. Perguntei a ela o que estava acontecendo e ela me disse que era o aniversário do suicídio de seu filho. Seu filho tinha se matado há muitos anos. Uau, isso é a pior coisa que você pode imaginar acontecer...então só estar com aquela pessoa naquele dia fazia parte disso. Não resolver algo.

Só estar lá".





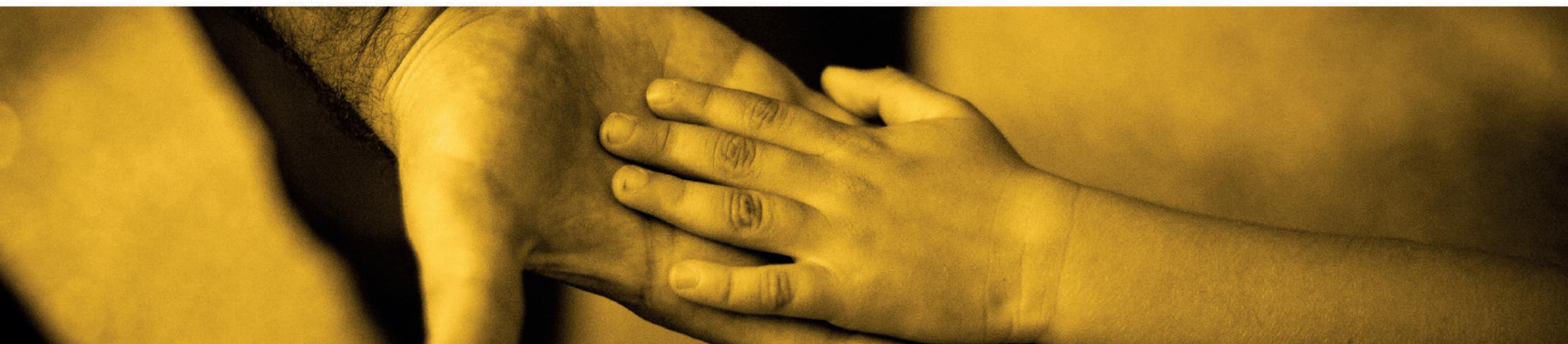
3.3 AMERICA

DO SUL

# A comunhão gera protagonismo e cria agentes de transformação social



Em 2016, a EdC no Brasil iniciou um percurso para **organizar e profissionalizar a gestão dos recursos da Economia de Comunhão**, com o objetivo de trazer maior transparência e assertividade ao uso do dinheiro. A Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom), em parceria com a Azione Mondo Unito (AMU) e o Movimento dos Focolares, estruturou o SUPERA (Programa para a Superação da Vulnerabilidade Econômica), um programa que fornece **apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade econômica** através de apoio econômico temporário; acesso a fontes seguras para necessidades básicas (moradia, saúde, educação, alimentação); e processos de florescimento humano, empresarial e cultural. O SUPERA também identifica e apoia organizações da sociedade civil para implementar projetos comprometidos com os valores da EdC em comunidades vulneráveis. Em 2021 o Supera impactou a vida de 8.523 pessoas, mobilizando 318.618,00 reais.



Francesco Tortorella, coordenador da AMU, conta o caminho percorrido juntos na estruturação do SUPERA:

"O caminho que levou ao desenvolvimento do programa SUPERA tem suas raízes em 2009 quando, 18 anos após o nascimento da EdC, a própria EdC questionou os resultados que a ajuda oferecida a tantas famílias brasileiras necessitadas havia gerado naqueles anos. Desde 1991, de fato, a comunhão de bens das empresas e indivíduos da EdC foi distribuída às pessoas e famílias necessitadas de forma muito espontânea e simples, **como uma partilha**, sem muita análise, avaliação ou organização. Foi, acima de tudo, uma **experiência de comunhão**. Essa reflexão trouxe à tona o fato de que não era possível conhecer os resultados dessa ajuda, justamente porque havia uma falta de análise e organização específicas na gestão. Assim, organizamos uma reunião de treinamento de uma semana em 2010, em Belém, para pessoas envolvidas na gestão dos auxílios do Movimento dos Focolares no Brasil, juntamente com a AMU, AFN, EdC e Jovens por um Mundo Unido.



Nos anos que se seguiram a essas reflexões e a essa reunião, gradualmente a gestão desses auxílios passou para a ANPECOM, que aos poucos desenvolveu o desejo de **organizá-la e administrá-la com profissionalismo e maior eficácia, mantendo o espírito vital da experiência de comunhão.** Assim, por volta de 2015, ANPECOM e AMU iniciaram juntas uma evolução gradual da gestão da ajuda às famílias para as necessidades básicas: alimentação, saúde, estudo e moradia. Durante alguns anos, trabalhamos muito para colocar a vida e a história de cada pessoa no centro desta ação: **conhecê-los, escutá-los, visitá-los, compreender suas necessidades e sonhos, identificar os objetivos pessoais e familiares a serem alcançados, pensar no que fazer para alcançá-los e nos organizarmos para acompanhar esta jornada.** Foi assim que a SUPERA tomou forma. Era necessário identificar e formar uma equipe de trabalhadores voluntários que, nas diversas regiões do Brasil, pudessem acompanhar os caminhos das pessoas necessitadas que participariam do programa, com as habilidades básicas necessárias, e a capacidade e o desejo de gerar comunhão. Foi criado e organizado um sistema informatizado de gerenciamento de dados para monitorar a situação de todos os participantes da SUPERA no país.



Este trabalho gradual tornou possível aprofundar a vida de cada pessoa 'ajudada' e identificar junto com ela as formas mais eficazes de **melhorar suas vidas sem depender da ajuda de ninguém**, mas colocando suas próprias capacidades em jogo, acessando os serviços públicos disponíveis naquela região ou as oportunidades oferecidas pelas organizações locais da sociedade civil, mesmo recebendo apoio econômico temporário da EdC se necessário, mas acima de tudo sendo acompanhada e guiada ao longo deste caminho pela comunidade ANPECOM. O lançamento do programa SUPERA significou **maior protagonismo da sociedade civil brasileira em relação às necessidades das pessoas necessitadas**: a ANPECOM assumiu a responsabilidade de experimentar que a comunhão é possível mesmo quando administrada de forma profissional e que esses dois aspectos não estão em desacordo um com o outro, pelo contrário, podem se reforçar mutuamente.



Eu pessoalmente e a AMU como um todo aprendemos muito com esta colaboração com a ANPECOM, com a seriedade e competência com que Célia coordenou o programa desde o início, e com a perseverança e capacidade de Maria Helena de **unir as pessoas e aprimorar seus talentos para melhor servir aos necessitados**. Para a AMU, este caminho representa uma experiência muito significativa de cooperação com um parceiro local, de diálogo intercultural e treinamento mútuo, uma experiência concreta de como é possível **transformar a ajuda em desenvolvimento mútuo**. A grande equipe da ANPECOM mostrou que juntos podemos experimentar aquele modelo de desenvolvimento humano 'de comunhão' ao qual todos nós aspiramos".



Celia, coordenadora do programa nos conta um caso interessante que aconteceu no decorrer da experiência:

"Temos vários participantes, então vimos como essa reciprocidade cresceu, de modo que um participante que recebeu apoio um ano, começa a ajudar outras pessoas no ano seguinte. Ele pode não ser capaz de dar dinheiro, mas começa a ajudar concretamente, doando seu tempo, seu profissionalismo. Um exemplo é uma jovem que estuda educação física. Após o Fórum Anual da EdC e a assembleia da Anpecom, onde sempre tentamos trazer pelo menos um representante dos participantes do SUPERA das diversas regiões do país, ela começou a pensar e disse: agora eu percebo que posso dar muito. E ela começou a ajudar as crianças. Ela o chama de projeto (e posso dizer que é um grande projeto) onde ensina às crianças em situação risco três tipos diferentes de esporte. Ela começou com meninas e meninos e ultimamente ela também incluiu mães a quem oferece um programa de educação física. Portanto, ela não compartilha dinheiro, mas compartilha seu tempo e seu conhecimento com sua comunidade. E é uma coisa tão interessante que até atraiu a atenção do município, que a chamou e a propôs para fazer parte de um projeto público em sua cidade. E ela está muito feliz porque diz: além de dar, sinto que estou ganhando muito - experiência, por exemplo (ela está atualmente em seu terceiro ano de universidade). Uma coisa que ela me disse no ano passado foi: "Nunca pensei que ajudaria alguém a realizar seus sonhos. Estou ajudando essas crianças a realizarem seus sonhos".



Camila Leofico, que ganhou uma bolsa de estudo e participou do programa, nos conta sobre a sua participação:

“Com o Supera aprendi que também tenho algo para doar, tenho meu tempo e minha experiência no handebol. Então comecei a treinar alunos em uma escola, mas, **vendo a importância de poder envolver outras crianças em situação de risco**, criei um projeto de handebol e futsal: Projeto Renascer. Atualmente 106 crianças e adolescentes de 8 a 17 anos participam do projeto.

Trabalhamos muito com a ideia de que brincar é como a vida: ganhamos, perdemos, temos dificuldades, erramos e fazemos o bem, mas **nunca podemos desistir e devemos sempre acreditar que somos capazes de vencer.**”

Em novembro, em um torneio de handebol, Camila recebeu o prêmio de **melhor treinadora.**



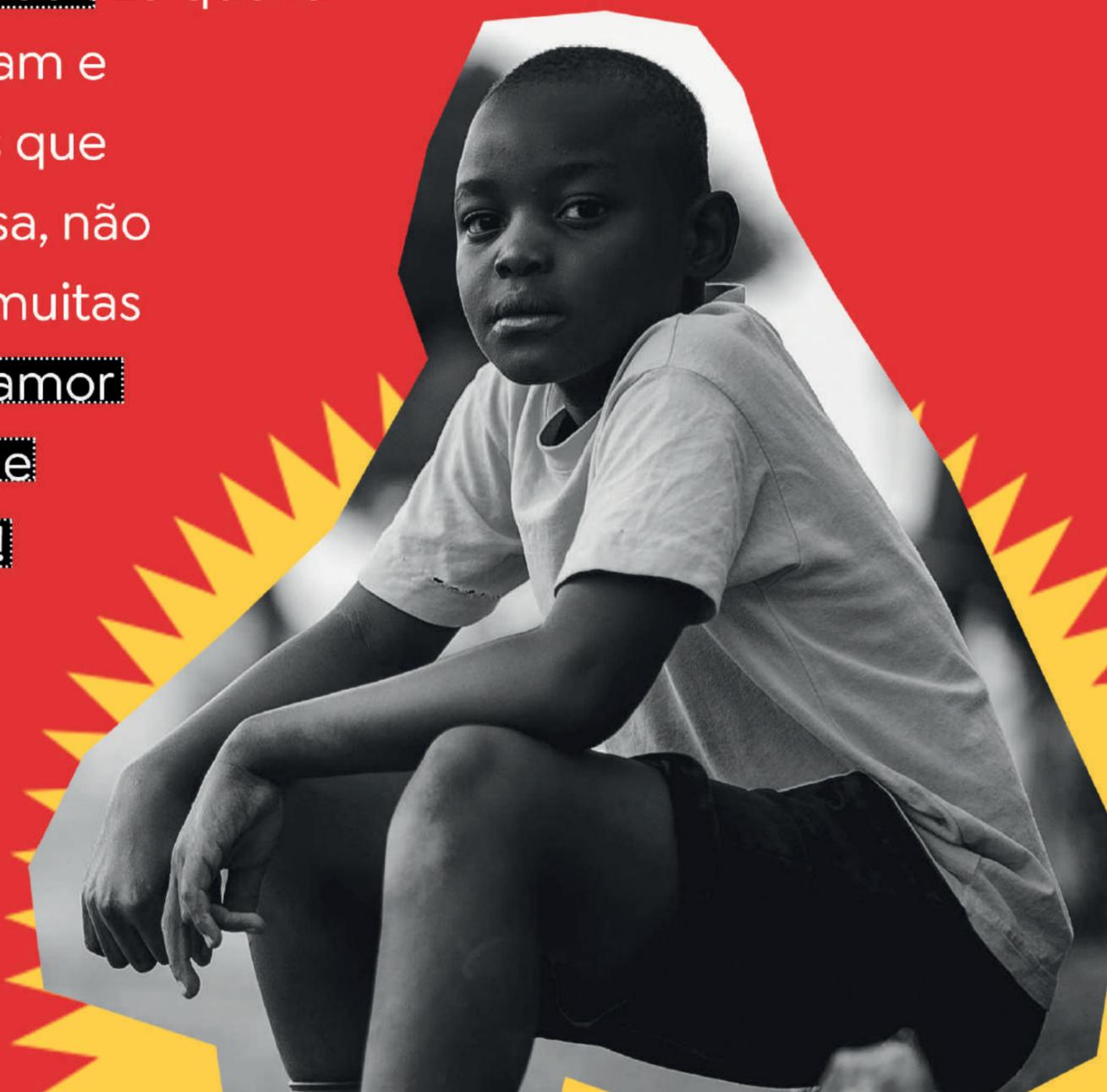
Valdeci Ferreira, junto à sua esposa, participaram do SUPERA e também contam o que viveram através do programa:

Messias Vanderici: “Eu acho que é gratificante para quem doa as coisas e também para quem recebe... e a gente recebendo tem condições de estar doando para outra pessoa também, então por isso que acho importante a gente participar do Supera... Onde nós moramos é muito bom, porque foi o que Deus nos deu, mas o sonho era de aumentar a nossa casa para ter um espaço para os meus filhos, para eles estudarem, ter um cantinho que eles possam estudar porque eles são muito esforçados e a gente não tinha condições de dar isso para eles. Se a gente recebe a gente tem que doar também, então é isso que está acontecendo com a gente aqui, como eu estou recebendo essa ajuda para melhorar a minha casa, eu achei que eu tinha que doar alguma coisa para o Márcio que também está lá na reforma da casa dele, então eu me disponibilizei para fazer o telhado da casa dele, e nós vamos fazer o telhado lá e acho que ele vai ficar muito contente de receber uma ajuda, porque como eu estou recebendo eu vou doar também.”



Rosa, esposa de Messias Vanderci:

“Eu sempre pedia ao meu esposo para poder aumentar a casa porque o espaço era muito pequeno, sempre eu reclamava com ele, aí ele falava assim, que um dia quando ele pudesse ele ia aumentar, ai um dia ele foi começou aqui fazendo a cozinha que pra nós era onde aqui que era a fonalha de lenha, aí nós ficamos alegre um pouquinho, só que não deu mais pra ele terminar de fazer a cozinha e nem aumentar nada na casa e ficamos morando assim. Mas **a alegria que nós temos do que está acontecendo é muito grande**, os meninos sempre falam: agora eu vou ter o quarto, eu vou ter **um lugar para estudar**. Eu queria agradecer para as pessoas que ajudam e dizer para não desistam das pessoas que precisam, porque muita gente precisa, não somos só nós que precisamos, tem muitas pessoas mesmo... **não desistam do amor recíproco que elas têm pelos outros e que sempre dando elas vão receber!**  
Obrigada!”



# Colocado à prova os paradigmas econômicos: empresas que trabalham ao serviço das pessoas



Maria Elena e Nicolas, do Paraguai, contam como procuram inovar e criar novas formas de gerir seus negócios e seus colaboradores.

"Anos atrás eu estava trabalhando em um banco quando ouvi Chiara Lubich falar sobre a Economia de Comunhão. Isso teve um forte impacto sobre mim porque eu não estava trabalhando para os pobres, mas para os ricos, porque o banco tem lucros, mas eles vão para os proprietários, não para os pobres. Assim, junto com meus filhos adolescentes, decidimos que eu iria trabalhar para os pobres, como Chiara pediu. Encontrei a resposta no prédio do banco onde eu trabalhava. As auxiliares de limpeza eram mal pagas. Então, eu disse que poderia fazer isto, no entanto, com muito amor - pagar a quantia certa, apoiando-as para desenvolver habilidades que lhes dariam cada vez mais valor como pessoa. Ao serem empregadas na empresa, recebem um salário decente com todos os benefícios sociais necessários. No Paraguai, somos a única empresa de limpeza que paga no final do mês, enquanto as outras empresas só pagam em meados do próximo mês.



O mesmo vale para os outros benefícios sociais que oferecemos aos nossos funcionários. Nós também pagamos horas extras. Como somos uma empresa de serviços de limpeza, há sempre trabalho no fim de semana, por exemplo, e este é pago em dobro. O contrato também prevê diferentes tipos de treinamento - **sobre saúde, família e segurança**. Em fevereiro, vamos perguntar a todos: quem quer estudar? Há alguns que, por exemplo, mostram vontade de fazer um curso curto para eletricitas, ou outros que querem terminar a escola. Com base nisso, faremos um plano. Normalmente pagamos suas despesas de transporte, para que **não tenham a desculpa de não poderem ir porque não tinham dinheiro**. E a formação é gratuita, nós assumimos o custo, tanto na área da educação, quanto na área da saúde. Temos também um salão de beleza onde trabalham quatro pessoas. Porque quando é preciso contratar e pagar uma equipe de cabeleireiros, um oftalmologista ou outros exames médicos, nós cobrimos o custo desses serviços. O incentivo para que a pessoa termine a escola, a universidade, os estudos em geral, está **sempre do nosso lado**. Por exemplo, tenho uma funcionária na parte administrativa que começou a trabalhar com um horário específico para permitir que ela terminasse os estudos. Portanto, várias vezes você tem pessoas que pedem para trabalhar um determinado horário a fim de completar seus estudos. **E tentamos facilitar isso, para dar-lhes essa oportunidade de poder terminar**. Nosso foco sempre é garantir que a pessoa tenha mais conhecimento, termine seus estudos e assim possa também dar uma maior contribuição trabalhando para nós".



3.4 ASIA



# Empresa gerando prosperidade humana

Matteo Choi e Fonte, da Coreia do Sul, contam como buscam promover o florescimento humano a partir de uma iniciativa empreendedora.

"A padaria 'Sagrado Coração', que está localizada na cidade de Daejeon no centro da Coreia e tem cerca de 400 funcionários, por exemplo, distribui o pão fresco que sobra todos os dias, aqueles que eles não conseguiram vender. Esta é uma grande quantidade de pão que eles distribuem **todas as noites após o horário de trabalho** para cerca de 80 obras sociais (que cuidam de órfãos e outros). Assim, em apenas um mês, o pão distribuído desta forma vale cerca de 40.000 euros. Além disso, eles têm um grupo de funcionários voluntários chamado "Cuidado Sagrado" que uma vez por mês, em seu dia de folga, vão a essas instalações (por exemplo, a uma casa Dom Bosco) e lá eles brincam, estudam com as crianças, assam pão, etc. Além disso, eles também tentam ajudar os funcionários em dificuldade - por exemplo, quando eles têm que pagar pelos cuidados de seus pais idosos. É a própria empresa que dá suporte para o custo de uma cirurgia, por exemplo. A Sagrado Coração tem há anos um sonho, um desejo de organizar um curso no qual essa **ideia de Economia de Comunhão e Economia Civil** possa ser difundida.





Eles estão pensando sobre isso, mas ainda não têm elementos suficientes para começar. Eles têm um programa estável com o qual treinam os funcionários para melhorar sua técnica de fabricação de pão. Alguns funcionários até mesmo vão para o Japão para participar de treinamentos todo ano, enquanto continuam a pagar seus salários, mesmo que não trabalhem diretamente na Coreia. É por isso que os funcionários geralmente têm **grande confiança e lealdade para com a empresa**. Não é comum treinar funcionários desta forma, pois então o empresário também corre o risco de perdê-los quando eles se tornam bons e preferem criar suas próprias empresas".

# Gerando uma visão sistêmica sobre a importância da erradicação da pobreza

Consulus é uma empresa de consultoria de Cingapura, que coloca em prática uma escolha radical: atender aos mais vulneráveis. Lawrence Chong nos conta como:

"A maioria dos consultores, quando crescem, aumentam seus preços e, portanto, não podem atender às pequenas empresas. Mas, do nosso ponto de vista, temos uma maneira de aumentar nossa influência através de consultoria para criar **uma economia mais justa**. Assim, assumimos o compromisso de que, por maior que seja nosso crescimento, nosso modelo de negócios deve nos permitir servir às empresas sem dinheiro. Adotamos, portanto, um perfil de um terço. Um terço das empresas que servimos são muito ricas e não lhes damos um desconto. Temos então um segundo terço que são projetos de influência onde podemos influenciar a própria EdC. Estamos muito interessados em servir a estas empresas. Eles podem não nos pagar tanto, mas ainda assim nos pagam. E depois temos um terço dos projetos que seguimos onde os subsidiamos. Por exemplo, se o projeto vale \$10.000, cobramos \$2.000. Podemos até oferecer nosso serviço de graça, mas queremos que eles paguem, para que sintam que estão nos pagando, que nós os estamos servindo.





É isso que estamos tentando fazer com a ANPECOM - eles nos pagam 500 dólares por algo que vale 5.000 dólares. É por isso que permanecemos como uma rede - não aumentamos o custo de todo o negócio de consultoria para que possamos sempre ser capazes de nos relacionar com pequenas empresas que estão em dificuldades, mas, ao mesmo tempo, nos preocupamos em empregar 5, 2 pessoas. Esta é uma missão importante, um aspecto importante para nós. A segunda coisa que decidimos foi: não queremos dar de acordo com nosso lucro. Porque se você dá de acordo com seu lucro, isso significa que você só dá quando você tem. Mas Chiara nunca disse: 'Quando eu tenho, eu dou'. Assim, na CONSULUS todos os anos nós damos. Também decidimos que não só daremos dinheiro. Por exemplo, podemos dar uma semana de trabalho que de outra forma nos renderia 10.000 mil dólares. Para um consultor (ou uma empresa de consultoria), é o tempo que tem mais valor. Portanto, decidimos dar esse valor real, fazendo esses projetos como se fossem pagos. Trabalhamos com uma grande rede em Cingapura que administra muitas instituições de caridade e dá 1,5 milhão de dólares, fazendo tudo de graça. É o encontro pessoal com as pessoas que servem (idosos, deficientes, etc.), conhecê-las, que as faz identificar o tipo de ajuda que necessitam. Esse envolvimento - conhecendo suas preocupações e medos - é muito importante para nós".

# 3.5 EUROPA



# A empresa trabalhando por uma comunidade global

Livio Bertola, empreendedor italiano, conta como procura colocar a empresa a serviço de uma comunidade global.

"O que pode ser feito concretamente? Partindo do próprio território, a empresa deve **viver para a comunidade, deve ajudar a comunidade onde há pessoas vulnerabilizadas**. Nós, por exemplo, estamos contratando refugiados há alguns anos, migrantes que estão sendo expulsos dos próprios países o tempo todo. Escolhemos precisamente os migrantes que vieram dos países mais pobres (da África Central, da região do Sahel) - fizemos uma escolha direcionada porque queríamos escolher os mais pobres entre os migrantes de lá. Além do mais também pessoas de outras religiões que não a nossa. Uma boa parte, mesmo agora, são muçulmanos do Senegal e dos países vizinhos. Hoje eles estão bem integrados, alguns deles são inspetores, deixamos a atividade de produção em suas mãos. Fizemos alguns treinamentos. **Há uma confiança total**. Tudo isso mostra que este 'perigo' percebido do 'diferente' é um absurdo, porque pessoas de boa vontade estão em toda parte. A fim de ajudar essas pessoas, não apenas lhes demos trabalho, mas também as ajudamos a encontrar moradia, as treinamos, até mesmo as ajudamos economicamente quando vimos que estavam em risco de usura com os bancos (intervindo atuando como fiador).



# Comunhão de bens, talentos e dons: uma economia colaborativa e de comunhão



De Portugal, Herman Rodriguez nos conta como a comunhão e a economia colaborativa se concretizam no polo de negócios de EdC da sua região:

"Assim, desde o início tentamos destacar **a importância deste impacto** sobre a pobreza. Naturalmente, muitas vezes isto não envolve apenas dar dinheiro, mas é inerente à forma como nos comportamos e nos relacionamos com uma grande preocupação de não criar mais pobreza mas, ao contrário, de **ajudar a desenvolver também a economia local**. Todos estes elementos já estão presentes nos projetos. Observamos então atos de reciprocidade, mesmo em pequenas coisas. Há alguns dias, por exemplo, começamos a preparar uma pequena loja comunitária no polo. Tantas pessoas que nós seguimos como Hub, chegaram com o que não precisavam e trouxeram para nós. Então, um dos empreendedores de design interior ofereceu-se para nos ajudar a tornar a pequena loja bonita; outros trouxeram móveis... Outro exemplo foi quando um dos empresários - um fotógrafo - ofereceu-se para tirar fotos para aquele que costura roupas de criança. Outra se ofereceu para fazer a sessão fotográfica em sua casa porque ela tem um belo jardim, etc., etc. Portanto, **há esta dinâmica de compartilhar talentos** e também no nível dos bens materiais".



# ÚLTIMAS PALAVRAS



por AMU e OPLA

Quando acredito que eu, como qualquer outra pessoa, preciso de algo e ao mesmo tempo tenho algo mais a dar... quando acredito que eu, como qualquer outra pessoa, sou pobre e rico ao mesmo tempo... não tenho mais medo de encontrar a pobreza e não tenho mais medo de ferir a dignidade das pessoas vulnerabilizadas, porque não vou até elas para ajudá-las a acreditar que sou capaz de resolver seus problemas, mas vou até elas desarmado, com minhas próprias mãos, para estar com elas, escutá-las e compreendê-las: o que queremos e o que podemos fazer juntos para que nossas vidas floresçam?

**Encarar o encontro com a pobreza desta maneira implica uma revolução interior.**

Para aqueles que estão acostumados a ajudar a encontrar soluções para os problemas dos outros, isso envolve aceitar que são pobres, que precisam de outros, aceitar que não são indispensáveis. Trata-se de aprender a ficar em silêncio, não de propor soluções antes de ouvir. Trata-se de aprender a fazer o trabalho da parteira: acompanhar a mãe no momento mais belo de sua vida, o nascimento de seu filho, e depois desaparecer. Essa criança não é dela e a parteira sabe disso, não nasce graças a ela, mas graças à mãe que a carregou e ela sabe disso. Mas sem seu trabalho, a mãe, sozinha, não sobreviveria.



Viver para unir pobreza e comunhão implica isto: acompanhar as pessoas rumo ao seu momento mais belo, **aquele em que suas vidas florescem e florescer junto, em um movimento em que todos e todas crescem em sincronia**. Do encontro entre vulnerabilidade e oportunidade, entre pobreza e comunhão, nasce uma verdadeira Economia de Comunhão, onde todos e todas são iguais e capazes de construir juntos **novas páginas** da história humana.

E há tanta vida! Ter a oportunidade de viajar pelo mundo através das histórias das experiências da Economia de Comunhão é certamente uma oportunidade de fazer duas coisas: renovar dentro de si a esperança, ou melhor, a certeza, de que a vida **não só pode florescer, mas que já floresce com potência!** Por outro lado, é também um novo compromisso de fazer, ou refazer, **a escolha de viver** para um mundo onde a pobreza possa realmente encontrar a comunhão e arregaçar as mangas para assumir **toda a responsabilidade que isso implica.** É verdade que o que vivemos, em certo sentido, influencia a maneira como vemos o mundo e as situações ao nosso redor. É igualmente verdade - ou talvez até mais - que o mundo pode mudar, assim como nossa visão dele, dependendo daquilo que vemos e vivemos. OPLA, portanto, nada mais é do que uma resposta à seguinte pergunta feita por Rutger Bregman em seu livro "Humankind: a Hopeful History": **"como sua vida e sua visão de mundo mudariam se você soubesse que as pessoas eram boas"?**

# VAMOS JUNTOS!

Francesco Tortorella

Maria Helena Fonseca Faller

Tainã Santana

